



LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA

FAKE NEWS, NEGACIONISMO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO MUNDO PÓS-VERDADE.

Claudomilson Fernandes Braga ¹
Simone Antoniaci Tuzzo ²

RESUMO

Este trabalho é fruto das pesquisas continuadas do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia, que se dedica a estudar a comunicação e a mediação, ou seja, os meios de comunicação e o seu impacto no receptor, mas também o impacto na mídia a partir do comportamento do receptor, sobretudo em uma sociedade cujo papel de recepção se mistura com o de produtor de conteúdos. O objetivo deste texto é discutir como o fenômeno das *fake news* – que sempre existiu, mas que tem ocorrido de forma abrangente nas plataformas de mídias sociais – contribui, a partir de notícias falsas, com a negação de aspectos da vida social, sobretudo em temas de interesse global, como saúde, geopolítica, segurança, citando apenas alguns exemplos. Esse fenômeno faz crer, ou pelo menos tenta fazer crer, que há uma realidade excluída e negada por adversários ideológicos; que essa realidade precisa ser defendida e cuja defesa passa necessariamente pela negação de temas consolidados e cientificamente provados, cujo principal objetivo é atribuir novos sentidos e criar uma pauta de costumes conservadora, ou hegemônica. Realizado em bases e reflexões teóricas, com metodologia qualitativa de cunho bibliográfico, a pesquisa apontou resultados no sentido de que o movimento negacionista que circula na sociedade e tem como base de divulgação as mídias sociais, sobretudo, se constroem em falsas verdades e falsas revelações, características estruturantes das *fake news* e os sentidos buscados são construções simbólicas de um modo de vida e de uma pauta de costumes irreal que nega a diversidade, nega a ciência e se posiciona contrária ao estado das coisas e da vida indo na contramão daquilo que se tem na contemporaneidade. O trabalho também revela do ponto de vista da opinião pública, ou na opinião de públicos influenciados mais pelas emoções e crenças pessoais do que pelos fatos objetivos, características próprias da pós-verdade.

Palavras-chave: *Fake News; Negacionismo; Sentidos; Pós-verdade.*

¹ Doutor em Psicologia Social pela PUC Goiás. Estágio Pós-doutoral em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: cfbraga@academico.ufs.br

² Pós-Doutora e Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ); Mestre em Comunicação Social e Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisadora do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia (UFG). E-mail: simonetuzzo@ufg.br

1 INTRODUÇÃO



*La Vérité sortant du puits armée*³

Em “*La Vérité sortant du puits armée de son martinet pour châtier l'humanité*”⁴ do pintor francês *Jean-Léon Gérôme* de 1896, que abre este artigo, encontramos a inspiração para os estudos que temos empreendido sobre a temática das *fake news* e que compõem este artigo.

Nesta pintura encontramos a representação da parábola sobre a verdade e a mentira que um dia se encontram e tiram suas roupas para se banharem em um poço. A mentira, de forma sorrateira sai da água, veste as roupas da verdade e sai pelo mundo. A verdade, recusando-se a vestir as roupas da mentira sai nua e crua. O mundo, vendo a verdade nua, recusa-se a olhar. A verdade, então, volta para o poço e desaparece para sempre.

Com isso, a mentira vestida de verdade segue a viajar pelo mundo satisfazendo os desejos da sociedade. A máxima da parábola diz ainda que aos olhos de muita gente foi preferível conviver com a verdade da mentira do que aceitar a nudez da verdade.

Assim são as *fake news*!

³ A pintura pertence às coleções do museu Anne-de-Beaujeu, em Moulins, na França.

⁴ Tradução livre: “A verdade saindo do poço armada do seu chicote para castigar a humanidade”.

Isso para dizer que as *fake news*, fenômeno que se potencializou na sociedade contemporânea, sobretudo a partir do advento das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), não são uma exclusividade do século XXI. A história está repleta de casos onde verdade e mentira caminham em conflito na sociedade.

Apenas para citar alguns exemplos: na Revolução Francesa há relatos de panfletos espalhados pelas ruas de Paris com notícias contraditórias; à época da guerra fria, a inteligência soviética na tentativa de confundir os órgãos de informações ocidentais difundiu notícias falsas e na segunda guerra mundial a propaganda nazista trabalhava para confundir a opinião pública.

Mas é no século XXI que as notícias falsas se avolumam e tomam forma. A partir da popularização das mídias sociais, quando a população, até então apenas receptora de notícias, assume o papel de emissora, fazendo com que todos pudessem ser emissores e receptores ao mesmo tempo (BRAGA, 2020). Terra (2010) denomina de “usuários-mídia” os receptores que também produzem conteúdos e percepções nas redes sociais.

Por outro lado, apoiado neste fenômeno surge o movimento negacionista ao redor do mundo que, em associação com as *fake news*, tenta e tem de certa maneira mobilizado determinados grupos a acreditarem em “determinadas verdades”, sobretudo, naquelas que desconstruem as denominadas verdades empíricas.

É sobre isso que os movimentos negacionistas parecem se debruçar, apenas parece. Negar a ciência e tudo aquilo que ela representa em termos de avanços e de conquistas ao longo da história da humanidade. Um exemplo disso é a defesa quase implacável da ideia de que a terra é plana atribuindo um novo sentido ao conhecimento científico estabelecido ao longo da história da humanidade de que a terra é esférica, inclusive fotografada por astronautas em viagens ao espaço.

São esses movimentos negacionista que tentam criar uma nova ambiência discursiva e um novo sentido das coisas na tentativa de criar uma nova realidade; a terra é plana; as vacinas causam doenças ao invés de proteger a população; o holocausto foi um movimento da esquerda comunista que provavelmente nem tenha existido; o comunismo é o grande vilão pelos males da humanidade e por assim segue este discurso que nega a história, a ciência e os fatos reais da vida contemporânea. E toda essa construção tem atribuído novas

compreensões da realidade vivida. Novos sentidos têm sido atribuídos aos fatos sociais e à vida cotidiana, assim como ao comportamento das pessoas em comunidade.

O fato se agrava quando esse comportamento parte de líderes de opinião, com capacidade de influenciar grupos e públicos na sociedade. Líderes precisam de equilíbrio e capacidade de articulação. Líderes históricos não conseguem encontrar solução para nenhum problema porque suas mentes se ocupam do caos e de uma visão irremediável; já os líderes negacionistas adotam discursos de uma situação de normalidade, mesmo quando todas as evidências mostram que há algo errado. Os dois modelos são prejudiciais à sociedade.

As Fake News se abastecem dessas situações, somadas ao fato de que em uma sociedade onde os receptores conseguem publicar e expressar com audiência suas opiniões, temos também, muitas vezes, uma notícia verdadeira, mas comentários falsos que se propagam como se fossem a própria informação. Isso é próprio de uma sociedade que vive a era da pós-verdade, com a construção da opinião de públicos distinto sendo feita muito mais pelas crenças pessoais, pelas emoções e paixões do que pelos fatos reais e objetivos.

Pensar em *fake news* é pensar em uma sociedade que vive a dicotomia de combatê-la e querer resgatar a verdade nua e crua ou confortar-se com a mentira vestida de verdade feliz a caminhar pelo mundo.

2 FAKE NEWS E A ADOÇÃO DE CRITÉRIOS DE VERDADE

As *fake news* são textos que buscam parecer autênticos, atendendo muitas vezes de forma rigorosa os critérios de diagramação de fontes noticiosas legítimas (TANDOC, LIM, LING, 2017; TORRES, GERHART, NEGAHBAN, 2017).

Nesse sentido, o conceito de *fake news* pode ser compreendido, também, segundo Recuero e Gruzd (2019) como sinônimo de desinformação, que circula mais livremente nas redes sociais on-line, onde existiria uma variada e imensa quantidade de informações sobre o que seriam as *fake news* e como reconhecê-las. Shu et al (2017) evidenciam em seus estudos a falta de autenticidade e o propósito de enganar, o que pode disseminar verdades que foram criadas a partir da mentira ou de fatos falseados, influenciando na formação do imaginário do grupo que recebe e compartilha esse tipo de conteúdos.

Se tomarmos como referência as colocações de Goulart (2006) para quem as notícias se constituem em representações acerca da realidade e na maioria das vezes dependem de crenças, valores e objetivos daqueles que a produzem e relacionarmos essa possibilidade com a realidade vivida na contemporaneidade, onde todos parecem e agem como jornalistas, as *fake news* então são construções de uma crença verdadeira, de quem a produziu, logo é uma verdade. Em sendo uma verdade para quem a produziu também o é em grande escala para quem a consome, recepciona, ouve, lê. Falamos da crença na crença da notícia.

As *fake news* são, portanto, pautas, assuntos, temas, escolhas. O que para Fairclough (1995) são no fundo escolhas baseadas em motivações sociais e tratam em sua grande maioria de escolhas, sobretudo, ideológicas e de dominação e encontram respaldos em uma audiência que também faz escolhas por este mesmo olhar, criando neste sentido uma teia de interesses pelo mesmo assunto, pela mesma pauta.

Aqui as *fake news* se estabelecem nas duas esferas da noticiabilidade: na produção e na audiência. Ambos os grupos (de quem produz e de quem consome), acreditam e veem verdade na notícia falsa. Como na obra de Jean-Léon Gérôme (*i.e.*), é preferível conviver e viver com a verdade da mentira do que conviver com o escândalo revelado pela nudez da verdade.

As falsas notícias, portanto, em nosso entendimento se estabelecem no espaço comunicativo como atos de verdade e se disseminam entre grupos que creem na verdade da mentira, potencializando-se e fazendo prevalecer verdades particulares em detrimento de verdades universais. De tal modo que, as *fake news* se estabelecem nos ambientes do mundo social e criam, ou pelo menos tentam criar um “universo” paralelo em detrimento às verdades universais que a ciência tem construído ao longo da história.

O volume de compartilhamentos, de vozes a partilhar a mesma mentira nos reporta ao pensamento de Joseph Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha Nazista, para quem: "Uma mentira dita mil vezes torna-se verdade".

Ou seja, são as *fake news* que disseminam uma “nova verdade” e negam as verdades estabelecidas, provadas e muitas vezes empiricamente construídas. Falamos, pois, dos movimentos negacionista que se apoiam nas *fake news* para se fazer prevalecer.

3 NEGACIONISMOS E A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO PARALELO

É no espaço entre a informação e a desinformação que o negacionismo se instala. Segundo Pinheiro e Brito (2014) é na desinformação que se cria uma bolha ideológica e de modo deliberado induz cidadãos ao erro. Para os autores é a partir de três variáveis: ausência de informação; informação manipulada e engano proposital que a desinformação se constrói.

A ausência de informação está associada ao estágio de carência de cultura, total ignorância e precariedade informacional devido ao total desconhecimento de determinado tema. Já a manipulação da informação, segundo os autores, tem relação com o fornecimento de produtos informacionais de baixo nível cultural, cuja consequência direta seria a imbecilização de setores sociais. Nesse caso, a desinformação teria como propósito a alienação da população com o intuito de manter projetos de dominação política, ideológica ou cultural. O engano proposital, por sua vez, assume o formato de desinformações, que circulam com o propósito de enganar alguém. (PINHEIRO e BRITO, 2014. p. 14).

Para Santaella (2019) a negação da ciência tem se mostrado o caráter mais nefasto da era da desinformação. Em pesquisa realizada pela FIOCRUZ entre os dias 17 de março e 10 de abril de 2020, foi revelado que o índice de disseminação de informações incorretas sobre o novo coronavírus deu conta de que 65% das informações divulgavam curas milagrosas da contaminação e conseqüentemente da doença, por exemplo.

O negacionismo vem de certa maneira acompanhando a história e pegando carona em fatos importantes. Há o negacionismo científico, que tem como principais expoentes atualmente o movimento antivacina e o terraplanismo. Há também o negacionismo climático, ancorado na negação do colapso ecológico em curso. Observamos também um crescente negacionismo histórico, baseado na negação de acontecimentos históricos amplamente conhecidos, como a ditadura militar no Brasil e o holocausto. Poderíamos acrescentar ainda outro negacionismo bastante presente na realidade brasileira, até mesmo constituinte do projeto de Estado-Nação no Brasil: o negacionismo do racismo, ancorado no mito da democracia racial.

Despontando mais fortemente a partir dos anos de 1980, os negacionistas surgem nos Estados Unidos da América e na Inglaterra. Se estruturando mais fortemente no pós-

guerra fria e se fortalecendo no século XXI, sem dúvida sendo potencializados pelo advento das novas tecnologias de comunicação e informação, além das mídias sociais digitais.

Apesar dos diversos argumentos para se justificar os comportamentos e discursos negacionista, adotamos as explicações de Perini (2019) como sendo provavelmente a mais adequada. Segundo o autor, seguramente a principal motivação e a mais legítima para a popularização do negacionismo reside no desejo de participar, de produzir as próprias teorias, o próprio conhecimento, as próprias narrativas. Essa constatação, ainda que controversa, aponta para um fator relevante:

[...] não podemos ignorar o modo como as ciências se constituem na relação com a população. Não podemos desconsiderar que o elitismo e o colonialismo presentes na constituição das ciências modernas são fatores que colaboram para distanciar e gerar desconfiança em parte da população. (PERINI, 2019, p. 28)

Segundo Latour (2020), o conhecimento cientificamente comprovado só ganha corpo quando existe uma cultura comum, uma vida pública, instituições e imprensa minimamente confiáveis. Por este prisma, para o autor, tais práticas estariam em crise e esse cenário tem como sintoma a explosão das desigualdades e a fratura de um mundo compartilhado que, com todas as suas contradições, possibilitava ainda algum solo comum, fazendo surgir discordâncias deste processo e da forma como tem sido conduzido. Aqui surgem os negacionistas e seu movimento que tenta provar e comprovar verdades até então inquestionáveis. Aqui negacionismo e *fake news* se entrecruzam.

Atualmente, os que acreditam nas *fake news* e as utilizam compartilham do negacionismo e são em última instância negacionista e vivem em um mundo separado daqueles que os criticam. O autor afirma que estamos em “guerra”.

E por fim, Latour (2020) afirma que o fundo dessa guerra não seria, consequentemente, um ‘déficit de conhecimento’, mas sim um ‘déficit de prática comum’ (grifo nosso). Mais do que corrigir uma falha de pensamento, seria preciso, portanto, partilhar desafios comuns, vislumbrando um panorama a ser explorado conjuntamente. Falamos, portanto dos processos de exclusão, de desigualdade, da falta de educação para todos.

Seria como se os negacionistas fossem a resistência pela falta do compartilhamento. De um lado a ciência; do outro lado, grupos que não foram e não se sentem incluídos nos processos de compartilhamento do conhecimento científico.

Na visão de Morel (2021), para que os conhecimentos científicos em relação à pandemia da Covid-19, por exemplo, fossem incorporados às realidades cotidianas, seria preciso que a população não apenas tivesse ‘acesso à informação’, e aqui precisamos avançar no cenário de combate à desinformação, mas que a população estivesse engajada em uma vida coletiva que sustentasse esses conhecimentos.

Para isso, pensar em coletividade, mas também compreender que informação não é comunicação. A comunicação é um processo que tem início na informação, mas que precisa avançar para a compreensão e interpretação que gerará a possibilidade de uma opinião por parte do receptor.

Como isso também perpassa pela educação formal, esses hiatos explicam a falta de consciência coletiva da população em relação às medidas restritivas de combate à pandemia, como o isolamento e o afastamento social no Brasil, a necessidade de restrições com relação ao comércio, ao lazer e à utilização de espaços públicos.

É preciso também, segundo a autora, que a ciência seja afetada pelos conhecimentos populares, considerando as realidades das classes populares, para não reproduzir apenas medidas higienistas, mas, sobretudo, respeitar as diferenças de necessidade de informações que essas classes possuem.

Como vemos, são muitos os desafios para esses caminhos, mas todos perpassam pela inclusão e pelo combate à desigualdade.

4 ATRIBUINDO SENTIDOS

De fato, os negacionista e todos aqueles que combatem o negacionismo buscam emplacar, de certo modo, seus pontos de vista. De um lado a ciência, a pesquisa e os pesquisadores com todo seu aparato tentando convencer determinados grupos de verdades empiricamente constatadas e historicamente comprovadas. De outro lado, grupos negacionista tentando argumentar a partir de conhecimentos circunstanciais para defender pontos de vista muitas vezes indefensáveis, como por exemplo, que a terra é plana. De que as vacinas não fazem bem, muito pelo contrário e de que a pandemia do novo coronavírus é

uma armação ideológica para dominar o mercado e controlar os fármacos e toda a indústria farmacêutica.

Assim temos de um lado grupos negacionista utilizando-se de *fake news* para divulgar suas “verdades” e de outro lado grupos de especialistas combatendo as *fake news* com notícias e notas desmentindo as falsas notícias.

Segundo Spink (2010) é nesta luta discursiva que os sentidos se constroem. Segundo a autora os sentidos são construídos a partir do conhecimento. Ou seja, é o conhecimento discursivamente traduzido na ação que os sentidos tomam forma e se concretizam. Se assim o é, os dizeres de Latour (2020) também fazem todo sentido, ou seja, a guerra de que fala o autor só terá fim quando o déficit da partilha suplantar o déficit do conhecimento e este processo acontecer de modo satisfatório e igualitário para todos.

Tomando como referência os estudos empreendidos por Spink (2010) no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Psicologia Social e da Saúde da PUC São Paulo, para quem a produção dos sentidos está intrinsecamente ligada às práticas discursivas e conseqüentemente à ação e para quem a linguagem é tomada como prática social faz surgir como gênese desta questão o contexto deste discurso.

Trata-se de um contexto de exclusão e de desinformação. Aqui a desinformação assume lugar privilegiado na construção de discursos negacionista e a atribuição de sentidos equivocados. Afirmar que a terra é plana, pois assisti em uma palestra na internet e isso me convenceu e é a prova da desinformação e da deseducação da população que acredita em “fantasmas”. (Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u2zUap1s2BE>).

Dessa forma arriscamos um diálogo possível entre Spink (2010) e Latour (2020) quando ambos os autores, cada um a partir do seu lugar de pesquisa, e conseqüentemente de fala, colocam que os sentidos atribuídos são na verdade consequência do conhecimento. Se para Latour (2020) há uma guerra ocorrendo em razão dos déficits de conhecimento e de partilha e para Spink (2010) há uma luta discursiva para construir os sentidos que são advindos do conhecimento, arriscamos dizer então que há um fosso estabelecido no conhecimento que separa os grupos negacionista dos grupos não negacionista e que os sentidos atribuídos de ambos os grupos são na verdade construções discursivas em busca de uma verdade que para cada grupo é verdade, mesmo que seja uma verdade mentirosa.

5 A CONSTRUÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA NA PÓS-VERDADE

A opinião pública se forma a partir de uma informação que, após ser compreendida, interpretada, analisada, refletida, pode formar uma opinião. Mas o processo é mais complexo, pois pressupõe que uma opinião individual chegue até outras pessoas a partir da oralidade ou da expressão escrita, por exemplo, e que uma quantidade de pessoas, que caracterize um grupo pactue da mesma opinião. O processo também perpassa pelos eixos da psicologia e dos filtros emocionais que cada um possui, com maior grau de predisposição para absorver ou refutar uma informação com base em suas paixões ou em seus pré-conceitos.

Dessa forma conseguimos compreender que a formação da opinião pública não é simplista, tampouco diz respeito à opinião individual de alguém sobre algo ou alguém. Também não é a opinião da massa, da totalidade, mas sim, de públicos distintos que conseguem comungar de uma mesma opinião e expressá-la publicamente.

Colocado assim, de forma resumida, podemos entender a complexidade da formação da opinião pública, mas podemos ver que o ponto de partida é uma informação.

Neste processo que se inicia com a informação e que pode vir a gerar uma opinião e, por consequência a formação da opinião pública, podemos pensar que a informação pode ser verdadeira ou falsa, certa ou errada. A depender do grau de influência do emissor dessa informação, os seus receptores considerarão a ou não a necessidade de verificação. Essa necessidade de checagem da informação é proporcional ao grau de confiança que o emissor possui aos olhos de seus receptores.

Isso sempre existiu na sociedade muito antes da existência dos meios de comunicação de massa, mas, com o advento da mídia impressa e eletrônica do século XX, a formação da opinião pública ficou muito mais associada às mídias.

Tuzzo (2005, 2013), nos lembra que esses formadores de opinião, ou seja, as pessoas que têm a oportunidade de expressar publicamente o seu ponto de vista sobre algo, podendo ser os pais, membros da família, artistas, professores, líderes religiosos, atletas, socialites, políticos, líderes de classe, empresários, advogados, médicos, líderes sindicais, blogueiros, vlogueiros, exercem influência sobre aquilo que uma pessoa ou um determinado

grupo de pessoas pensa. Contudo, numa sociedade balizada pelos meios de comunicação existe uma reorganização de valores. Textualmente, a autora afirma que:

Se refletirmos sobre os quatro pilares de sustentação da sociedade anteriormente legitimados, definidos como 4Ps (pai, professor, político, padre/pastor) representantes simbólicos da família, escola, Estado e igreja, veremos que a própria igreja se apropria hoje de canais de televisão para que a voz do padre/pastor seja ressignificada pela estética televisiva de reconhecimento de valoração e passe a ser utilizada pela sociedade muito mais porque adveio da televisão do que dos templos religiosos e com isso transformam os seus interlocutores em celebridades midiáticas, com reconhecimento de voz. (TUZZO, 2016, p. 84)

Assim, podemos pensar que a sociedade viveu diferentes momentos sociais com relação às fontes que abastecem a formação da opinião pública, quais sejam, antes dos meios de comunicação de massa; após os meios de comunicação de massa, quando os sujeitos eram categorizados como receptores midiáticos; e, mais recentemente, com as novas tecnologias de comunicação e informação, nomeadamente com a internet e as redes sociais, quando o receptor passou a possuir canais de difusão de suas ideias e opiniões.

Devemos lembrar que a possibilidade de produção de conteúdos não significa conteúdos novos, mas, muitas vezes, são conteúdos, dados e informações propagados pela mídia ou por receptores/produtores, ou no dizer de Terra (2010) “usuários-mídia” que publicam conteúdos carregados de valores, interpretações, comentários e opiniões que modificam o sentido primário da informação. Assim, a informação pode até ser correta e verdadeira, mas o uso e a manipulação do conteúdo re-publicado não é.

Assim, a velocidade de compartilhamentos via redes sociais, a falta de educação formal e capacidade de interpretação, a vontade de ser o primeiro (antes de ser verdadeiro) em uma determinada postagem, fazem com que os fatos sejam deturpados (intencionalmente, ou não).

O fenômeno é explicado pelo neologismo “pós-verdade” que impacta diretamente na formação da opinião pública e explica que as emoções e crenças sociais ficam à frente da própria verdade.

Vele ressaltar que o próprio conceito de verdade é também muito difícil de ser explicado e, ele, em si, já se trata de algo que nos remete a questões como veracidade

comprovada, realidade que perpassa por outras esferas sociais como a ciência, os diversos campos de conhecimento e a educação formal. Ainda assim, a verdade é sempre algo de conhecimento temporal pois, a partir de novas descobertas científicas, por exemplo, a verdade de uma geração pode ser revista e reescrita pelas novas verdades que trazem luz a algo anteriormente obscuro.

Contudo, mesmo dentro desses preceitos filosóficos, o ser humano racional é capaz de buscar a verdade com as bases científicas de seu tempo, com as fontes de pesquisa de sua época e, assim, compreendendo que algo poderá sempre ser melhor explicado no futuro, ainda assim pode ter clareza e fontes suficientes para diferenciar o certo do errado em sua sociedade, em seu momento histórico-social.

A pós-verdade não diz respeito, portanto, a uma busca nobre para aprimorarmos nossos conhecimentos e sabermos que aquilo que pensamos é fruto daquilo que conhecemos, mas também do que ignoramos. Pelo contrário, o termo “post-truth” passou a ser utilizado para determinar uma situação em que a verdade é ignorada e, como se fosse possível uma relação social paralela, é criada uma verdade alternativa.

Todo processo se agrava quando no lugar da verdade, as mentiras passaram a ser adjetivadas de opinião pessoal, ou seja, quando a tentativa de correção de uma informação falsa é combatida com o argumento de que aquela seria uma opinião pessoal, ou até, uma liberdade de expressão daquilo que se pensa sobre algo ou alguém.

Assim, podemos detectar uma teia absolutamente complexa onde alguém, com canal de difusão de suas ideias e poder de persuasão sobre determinado grupo social, expõe de forma errada um fato ou acontecimento; deturpa uma informação; cria uma mentira enviesada sobre uma verdade e, ao ser questionado, rebate com o argumento de que as pessoas são livres para expressarem a sua opinião.

Por isso, na formação da opinião pública da sociedade pós-verdade, é muito importante diferenciar quais opiniões são válidas e merecem credibilidade para que não sejam confundidas com *fake news* ou com mentiras vestidas de verdade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De fato, o embate discursivo entre a Ciência e o discurso de grupos negacionista, cuja estratégia de divulgação se assenta em *fake news* nos revela mais do que uma disputa

ideológica. Em que pese ser uma disputa que nos pareça absurda, pois, afinal, está comprovado que a terra é esférica; que as vacinas são eficazes no combate a determinadas doenças e que o golpe militar de 1964 no Brasil foi mesmo um golpe político, ela (a disputa) se constitui em um dilema que ultrapassa posições políticas e se assenta na complexidade das relações humanas e na incapacidade do Estado, enquanto instituição, de cumprir seu papel de educar as suas gentes de forma igualitária, de modo adequado.

Se tomarmos como referência a compreensão de Latour (2020) sobre a “guerra” existente entre os negacionistas e os não negacionistas e a causa dessa guerra, que para o autor se trata da ineficácia da partilha do conhecimento e muitas vezes da inexistência da partilha, temos como pano de fundo a deseducação formal e a desinformação informacional da população.

Por este prisma, tudo parece fazer sentido. Uma população informada adequadamente não se deixa influenciar por informações equivocadas. Populações bem-educadas, do ponto de vista formal, tendem a ser mais resistentes aos ataques da desinformação e das *fake news*.

Neste sentido a pandemia do novo coronavírus foi reveladora. Além de revelar no país uma imensa camada da população desassistida em termos econômico e trabalhista, revelou um país dividido em termos ideológicos e mais, revelou uma nação deseducada, desinformada e, conseqüentemente, uma nação sujeita aos ataques de grupos negacionista.

Dito de outra forma revelou uma nação egoísta, nada empática com os problemas coletivos. Uma população sem sentimento de coletividade. E continua revelando, pois, os casos de “fura filas” da vacinação são mais do que casos de desonestidade, são casos de falta de empatia e de senso de coletividade, típico de populações deseducadas e desinformadas, ou no mínimo informadas equivocadamente.

No mundo pós-verdade a sociedade acomoda-se com conforto, porque a verdade parece doer mais do que as ilusões e as falsas realidades se encarregam de suprir as carências de educação, de saúde, de governo.

Nesta ambiência os sentidos atribuídos pela população são sempre de fazer prevalecer o seu ponto de vista em detrimento do ponto de vista do outro. Mais que isso, os sentidos são sempre aqueles que cada um consegue sentir a partir de suas dores ou de suas

paixões que poderão estar nuas diante da sociedade ou, como em “*La Vérité sortant du puits armée de son martinet pour châtier l'humanité*”, apresentar a mentira vestida de verdade.

Os autores são responsáveis pela fidedignidade dos dados apresentados.

FAKE NEWS, NEGOTIATION AND THE CONSTRUCTION OF SENSES IN THE POST-TRUTH WORLD.

ABSTRACT

This work is the result of continued research by the Critical Media Reading Laboratory, which is dedicated to studying communication and mediation, that is, the means of communication and their impact on the public, but also the impact on the media based on behavior the public, especially in a society whose reception role is mixed with that of content producer. The purpose of this text is to discuss how the phenomenon of fake news - which has always existed, but which has been occurring in a comprehensive way on social media platforms - contributes, based on false news, to the negation of aspects of social life, especially in themes of global interest, such as health, geopolitics, security, to name just a few. This phenomenon makes us believe, or at least tries to make us believe, that there is a reality excluded and denied by ideological opponents; that this reality needs to be defended and whose defense necessarily involves the denial of consolidated and scientifically proven themes, whose main objective is to assign new meanings and create a conservative, or hegemonic, pattern of customs. Conducted on theoretical bases and reflections, with qualitative methodology of bibliographic nature, the research pointed out results in the sense that the negation movement that circulates in society and has as base of dissemination the social media, above all, are built in false truths and false revelations structuring characteristics of fake news and the meanings sought are symbolic constructions of a way of life and an unrealistic pattern of customs that denies diversity, denies science and positions itself against the state of things and life going against what one has in contemporary times. The work also focuses on the construction of public opinion, or on the opinion of audiences influenced more by personal emotions and beliefs than by objective facts, characteristics typical of post-truth.

Keywords: *Fake News; Negationism; Senses; post-truth.*

REFERÊNCIAS

BRAGA, C. F. Fake News e a crença na verdade da mentira. In: SILVA, Marcelo Pereira da (Org.). **As ciências da Comunicação e sua atuação plurifacetada**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

FAIRCLOUGH, N. L. **Language, ideology and power**. In: FAIRCLOUGH, N. L. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. Edinburg: Pearson, 1995. 21-84 p.

LATOURE, Bruno. **Onde aterrar**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MOREL, Ana Paula Massadar. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, e00315147, jan. 2021. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462021000100404&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 23 fev 2021 e 11 jan 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00315>.

PERINI, Ernesto. **O que move as fake news e o negacionismo científico?** [Entrevista cedida a] Marco Weissheimer. Sul 21, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-que-move-as-fake-news-e-negacionismo-cientifico/>. Acesso em: 20 fev. 2021

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. de P. **Em busca do significado da desinformação**. Data Grama Zero, v. 15, n. 6, p. 378, 2014.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoly. Cascatas de *Fake News* Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 41, mai.-ago., p. 31-47, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/n41/1519-311X-gal-41-0031.pdf>. Acesso em: 30 de jul. 2019.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SPINK, MJ. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SHU, K.; SLIVA, A.; WANG, S.; TANG, J.; and LIU, H. **Fake news detection on social media: A data mining perspective**. KDD exploration newsletter, 2017.

TANDOC, E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “Fake News”: a typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 137-153, 2017.

TERRA, Carolina Frazon. **Usuário Mídia – A relação entre a comunicação organizacional e o conteúdo gerado pelo internauta nas mídias sociais**. São Paulo: 2010 (Tese de Doutorado – ECA - USP)

TORRES, R. R.; GERHART, N.; NEGAHBAN, A. **Epistemology in the era of fake news: an exploration on information verification behaviors among social networking sites users**. The Data Base for Advances in Information Systems, [S.l.], v. 49, n. 3, p. 78-97, ago. 2018.

TUZZO, Simone Antoniacci. **Os sentidos do impresso**. Coleção: Rupturas metodológicas para uma leitura crítica da mídia; v. 5. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.